

Netscapismo, as mídias sociais e a constituição do sujeito: entre a conexão contínua e o desamparo

Alysson Bruno M. Assunção*

Resumo

Neste trabalho, são abordadas as mídias sociais e a influência nos modelos de expressão das individualidades que delas decorrem. Argumenta-se que essas ferramentas de conexão estabelecem novas formas de agenciamento de subjetividades, facilitando a evitação do desconforto por meio da imersão na rede. Dado o cenário de intensificação do uso de aparatos relacionais móveis, procurou-se compreender, com base na pesquisa bibliográfica, as implicações subjetivas e a apresentação de comportamentos, catalizados por certos tipos de interação virtual na vida cotidiana. São observados o contexto atual de acesso, a utilização de interfaces e o compartilhamento de informações, o status de realidade presente nas interações, a fuga do desamparo e outras consequências da utilização das mídias sociais por parte dos sujeitos no âmbito da cultura contemporânea.

Palavras-chave: Internet. Mídias sociais. Conexão. Solidão. Desamparo.

* Mestre em Tecnologias da Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ). Professor auxiliar do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR). Supervisor em Psicologia Social do Serviço de Psicologia Aplicada do IBMR. Pesquisador associado ao grupo de Política e tecnologias da comunicação do PPGCom/UERJ. Atua como Profissional de Comunicação Social na Petrobras. E-mail: alyssonassuncao@gmail.com.

Introdução: internet e novos modos de presença

Chega a ser irônico que um dos primeiros e mais populares softwares navegadores de internet tenha sido chamado Netscape¹. Atualmente, já estamos acostumados a falar em rápidas transformações propiciadas, em grande parte, pela presença cada vez maior das tecnologias da comunicação e informação que (tratando de forma livre a acepção do termo) teriam papel social fundamental na contemporaneidade, influenciando significativamente a vida cotidiana das pessoas.

Decerto, julga-se verdadeira a tese que versa sobre a capacidade de novas ferramentas – em maior ou menor medida relacionada à internet – para modelar comportamentos, considerando seu uso por indivíduos que participam ativamente dos processos de construção, consolidação e significação na rede. Contudo, não é insensato argumentar que essas mesmas ferramentas que foram desenhadas para manter vínculos entre os indivíduos são também utilizadas para uma espécie de “netscapismo”.

Barbosa (2013, p. 93) nota que comportamentos tais como pessoas dirigindo, andando pela rua, sentadas em restaurantes, cinemas, entre amigos, na sala de análise com seus celulares e afins, ‘conversando’ com outras pessoas online, postando comentários, fotos, vendo o que outros postam” denotam um tipo de conduta social fundamental para a compreensão do sujeito contemporâneo. Apesar de a compreensão desse tipo de fenômenos exigir um longo percurso, faz-se necessário e desejável, no presente histórico, desenvolver considerações no sentido de compreender por quais sistemas subjetivos eles operam.

Baseando-se na discussão de modelos de subjetivação ligados à visibilidade midiática e à questão do corpo nessas novas mídias, neste artigo procura-se apontar algumas consequências da utilização da internet – em especial das chamadas mídias sociais para o processo de constituição de subjetividades na contemporaneidade. O objetivo não é tecer juízos de valor, mas apontar efeitos, responsabilidades e vicissitudes que incidem sobre a vida cotidiana nesse contexto.

Ascensão das mídias sociais e a dinâmica cultural

A década de 1990 foi marcada pela popularização da internet, que no Brasil se consolidou fortemente a partir da primeira década do século XXI. Tivemos a redução dos custos para o acesso à internet, acompanhada por um incremento da banda ou velocidade de navegação, ao menos se comparado à internet discada. Em 2012, 45% dos

1 O nome associa o termo *net* (rede) com *escape* (fuga).

domicílios brasileiros, aproximadamente, já possuíam internet (CE-TIC, 2012), com tendência de alta², e quase 70% das pessoas têm acesso diário a ela.

Houve ainda aumento exponencial da quantidade de indivíduos com acesso remoto ou móvel à rede. Em quase 90% das residências, as pessoas fazem uso de aparelhos de telefonia móvel, e um quarto dos brasileiros faz uso de internet por meio de telefones celulares. Mais da metade desses usuários possui smartphones (15% dos brasileiros), conforme a Pew Research Center (EMERGING..., 2014). Nesse contexto, situa-se a emergência das mídias sociais e o crescimento no acesso a elas. Entre os brasileiros que têm acesso à internet, 73% usam redes sociais (EMERGING..., 2014). A faixa etária de 18 a 20 anos é a que mais acessa *sites* como o Facebook e o Twitter, e quase três quartos acessam todos os dias ao menos uma mídia social.

Tais modificações no âmbito da cultura podem implicar alterações significativas no modo de viver dos sujeitos, mesmo se comparadas ao acesso à internet a partir de interfaces fixas. Como ressalta Turkle (2012, p. 2), pesquisadora do Massachusetts Institute of Technology, nas décadas de 1980 e 1990,

estávamos a experimentar salas de chat e comunidades virtuais online. Estávamos a explorar os diferentes aspectos de nós próprios. E depois nos desligávamos. Estava empolgada. e, como uma psicóloga, o que mais me empolgou foi a ideia de que usaríamos o que aprendemos no mundo virtual sobre nós próprios, sobre a nossa identidade, para vivermos melhores vidas no mundo real.

Em comparação com os tempos iniciais de utilização da internet, o advento das mídias sociais em interfaces móveis é transformação que não pode ser desprezada. A autora aponta que é cada vez mais corriqueiro estarmos juntos virtualmente, mas sentirmo-nos sozinhos. A vida contemporânea nos permite ter cada vez mais tempo livre – e, com essas novas interfaces, forjar tempo livre entre e durante outras atividades –, que vem sendo empregado nas mídias sociais.

Shirky (2011, p. 12), da New York University, conclui que vivemos no primeiro período histórico em que, de fato, existe a possibilidade de a maioria dos indivíduos (especialmente nos contextos urbanos) conseguirem um excedente de tempo livre. Em vários estágios da cultura

2 Um estudo da Cisco Visual Networking Index (VNI) estima que, em 2018, 68% da população brasileira terá acesso à internet, e a velocidade de banda larga deve crescer 2,6 vezes no mesmo período. Já o tráfego móvel no Brasil deve aumentar 11 vezes. (Cf. VNI, 2014)

3 Como exemplo, podemos destacar a “febre do Gin” na Inglaterra do século XVIII, Gin Craze, que funcionava tanto como forma de adaptação às mazelas da vida urbana quanto como para o sujeito anestesiá-lo das perturbações sociais da época. Shirky (2010, p. 21) compara esse fato social com a adesão à televisão, que, segundo ele, desempenhou o mesmo papel nos últimos 50 anos.

é possível compreender como era empregado o tempo livre³ e quais as ferramentas da cultura o agenciavam. O autor argumenta que o tempo gasto com acesso à plataformas online (especialmente quando ligado à produção coletiva e compartilhamento de informações) é preferível e mais bem gasto do que bilhões de horas gastas assistindo à televisão em países como os Estados Unidos.

De acordo com Shirky (2011, p. 27), a televisão atendeu a um excedente de tempo livre com uma atividade passiva, e a internet mudaria esse panorama para uma “cultura da participação” na qual não apenas o excedente de tempo, como também um “excedente cognitivo”, favorece a criação de comunidades online nas quais a participação e o pertencimento são mais importantes do que a própria força dos laços.

Cabe ressaltar que os modos de presença proporcionados pelas mídias sociais afetam a forma como vivemos e, mais importante, como pensamos e adequamos nossa identidade. Muda a consciência de nós mesmos e dos outros, a relação dos sujeitos com o mundo, tornando-os menos sensíveis às interações em ambientes reais.

As pessoas mandam mensagens ou e-mails durante reuniões de trabalho. Elas mandam mensagens e fazem compras e estão no Facebook durante as aulas, durante palestras, na verdade durante todas as reuniões. As pessoas falam-me sobre a nova capacidade importante de fazer contato visual enquanto estamos a mandar mensagens. As pessoas explicam-me que é difícil, mas pode ser feito. Os pais mandam mensagens e e-mails durante as refeições enquanto os seus filhos se queixam de não ter a atenção. Mas depois estas mesmas crianças negam umas às outras a sua atenção total. [...] E até mandamos mensagens nos funerais. Nós alienámo-nos da nossa dor ou dos nossos devaneios e vamos para os nossos telefones. Por que é que isto é importante? É importante para mim porque penso que estamos teremos problemas – na forma como nos relacionamos uns com os outros, mas também problemas na forma como nos relacionamos com nós próprios e na nossa capacidade para a autorreflexão. Estamos nos habituando a uma nova forma de estarmos juntos e sozinhos. As pessoas querem estar umas com as outras, mas [...] querem entrar e sair de todos os lugares porque a coisa mais importante para a maioria delas é controlar o foco da sua atenção. Querem ir àquela reunião, mas só querem prestar atenção às partes que lhes interessam. E algumas pessoas pensam que isso é uma coisa boa. Mas podem acabar por se esconderem umas da outras mesmo que estejam constantemente conectadas. (TURKLE, 2012, p. 3)

Assim, tais ferramentas providas pela cultura têm efeitos não apenas sobre o que fazemos, mas também sobre a forma como vivemos e nos constituímos como sujeitos. As mídias sociais enquadram-se na lógica cultural do capitalismo tardio, de obtenção da felicidade por meio do consumo de imagens. A partir dessa constatação, a noção de excedente cognitivo implica que o sujeito possa focar sua atenção no que quiser, alternando rapidamente entre objetos facilmente alcançáveis, encontrando desde imagens-exemplo de sucesso e felicidade, eco para reclamações e descontentamentos, figuras de *experts* que lhes dizem como devem viver – mas cujas fórmulas prontas, é claro, não servem a todos –, até (e principalmente) experiências que ele nunca viverá.

Tal dinâmica visam à busca pela maximização rápida da satisfação e à evitação de todo o desconforto – seja oriundo ou não do ambiente virtual – e coloca o sujeito cada vez mais vinculado a esse consumo simbólico. Quanto mais conectado, mais dependente fica na constituição da sua identidade (BAUMAN, 1998, p. 26), que se dá não apenas pela simples filiação, mas, podemos argumentar, pela sua demonstração também nas mídias sociais. Assim, se o sujeito não está conectado – para o universo das mídias sociais (e daqueles que delas fazem seu habitat de preferência) –, é como se ele não existisse.

Dois imperativos: visibilidade e felicidade

A visibilidade nas mídias sociais é o que inscreve – à medida que oferece sua imagem para o Outro – a possibilidade de existência do sujeito. Tal movimento em direção à exterioridade faz-se alternativa para manter um precário equilíbrio da identidade e da autoestima em um contexto dominado por imagens (QUINET, 2002, p. 284). Para ter acesso a um mundo de possibilidades online, o sujeito precisa, necessariamente, expor-se como desejante e também como alvo do desejo do Outro.

Nesse contexto – que não é regido pelas mesmas restrições da realidade material – qualquer um é livre para fantasiar a perversão, de forma convenientemente higiênica e confortável, no local e nas condições mais cômodas. A sensação de segurança obtida pela via do comércio estímulos imagéticos objetiva tanto o retorno social pela exposição midiática (atendendo ao próprio narcisismo) como a compensação para anestesia da rotina da realidade cotidiana – o que não difere, em essência, esse comércio daquele cenário do início do século XX, abordado por autores como Simmel. (1903/2005)

E como as mídias sociais se encaixam nesse contexto? Como uma luva, poder-se-ia argumentar. Facebook, Instagram, Twitter, LinkedIn, dentre outros – cada qual a sua maneira –, congregam o sujeito a exhibir-se, mostrar-se em seu melhor, física, social e profissionalmente. Como ressaltou Foucault (1996, p. 147), mais do que o controle disciplinar, a sociedade contemporânea modificou seus mecanismos de controle sobre os corpos, de modo que, em vez da vigilância plena e presente, “encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle-estimulação: ‘Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzado!’”

O mesmo vale não apenas para a aparência física do corpo, mas para o “ser visto” sempre como feliz e bem-sucedido, atendendo aos imperativos de visibilidade e felicidade. Assim, existir nas mídias sociais consiste, principalmente, em vender a própria imagem para o Outro. Nos mídias sociais como o (descontinuado) Orkut e o Facebook (e, mais intensamente, aquelas voltadas para encontrar paqueras e parceiros sexuais, como Tinder e o Grindr), a função do corpo é ser exibido; ele deve ser mostrado em melhor estado, em sua melhor forma, cujo vínculo com o real dá, necessariamente, por aquilo que se pode esperar de mera representação.

Temos a possibilidade de editar, e isso significa que podemos retocar a face, o corpo, a idade, a voz – temos “não de menos, não demais, na medida certa”, um corpo editável, retocado, redesenhado (TURKLE, 2012, p. 3). Algumas mídias sociais (em especial aquelas baseadas em aplicativos de celular, como Instagram e Tinder) já entregam prontamente ferramentas de edição de imagem, logo após uma foto ser tirada. Assume-se que é desse corpo modificado e editado que o Outro precisa.

Como as mídias sociais não são feitas apenas de imagens, cabe ressaltar, também, sua característica eminentemente confessional. Diferente do que acontecia nas sociedades disciplinares, o aspecto da vigilância que compele o sujeito à confissão é muito mais sutil do que os mecanismos do panótipo foucaultiano (FOUCAULT, 1996) ou das distopias owellianas (ORWELL, 1984). Como ressaltam Bauman e Zion (2014, p. 19), ela é algo presente todo o tempo – do *tweet* durante a reunião de trabalho, passando pelo *selfie* no Instagram ou Facebook durante a madrugada, o *check in* feito no aeroporto ou mesmo a exibição do horário da última entrada no Whatsapp. Impera a sensação de que nada, uma vez postado, pode ser escondido – afinal, tudo é facilmente compartilhável.

A relação das mídias sociais com o sujeito ganha caráter ambivalente, ao atuarem como agenciadoras da vigilância nesse contexto “líquido”. Por um lado, prevalece a sensação de estar sendo vigiado o tempo inteiro, uma vez que qualquer coisa que se faz na rede, em algum nível, é passível de ser descoberto. Por outro, são os próprios sujeitos que, para existirem e serem vistos, passam a compartilhar tudo – desde aonde vão e com quem estão até os detalhes mais íntimos ou mesmo irrelevantes do cotidiano. “Parece que não sentimos mais prazer em ter segredos, a menos que sejam do tipo capaz de reforçar nossos egos.” (BAUMAN; LION, 2014, p. 23)

Tais eventos são compartilhados para uma plateia difusa porque, para se tornar visível, o sujeito deve confessar-se e esperar pela aclamação e pela afirmação sua diferença, ainda que o fragmento de identidade afirmado seja tão rapidamente mutável quanto uma troca de roupa, como nos fala Bauman (1998, p. 32). O aspecto da vigilância ainda implica mais um detalhe para a afirmação da identidade: os conteúdos e eventos compartilhados, para que o sujeito seja visto e reconhecido, são precisamente aqueles que refletem a imagem da felicidade, do sucesso, da conquista – comemoram-se vitórias, conquistas pessoais, viagens, bens de consumo.

Assim, reproduz-se ferozmente o imperativo da felicidade no âmbito das mídias sociais. Outorgar a própria felicidade muitas vezes pode parecer não apenas um caminho possível, como também um recurso para se alcançar uma satisfação instantânea, geralmente aferida em curtidas, coraçãozinhos ou *retweets*. Sobra, de fato, pouco espaço para que os sujeitos admitam ou elaborem suas falhas, pois o sofredor é colocado como um estranho, insatisfeito, desadaptado, no qual ninguém se espelhará.

***The net escape:* amortecimento da experiência e desamparo**

Pode-se sugerir, então, que, sob diversos aspectos, as mídias sociais apresentam-se como uma forma de escape para o sujeito, justamente pelo fato de se poder estender ou limitar a experiência àquela intensidade considerada segura ou higiênica. Bauman (2003, p. 35) ressalta que, na vida contemporânea, vários mecanismos da cultura permitem que os indivíduos que defendam seus respectivos pontos de vista e seus interesses num individualismo narcísico, no qual o sujeito procura se diferenciar com sua opinião, mas não a ponto de ter de arcar com as consequências dela.

Tal contexto é claramente distinto de outros nos quais não temos tal controle total sobre a interação (seja numa conversa face a face, numa

interação por telefone ou mesmo numa experiência de *broadcasting*⁴). Nessas interações “convencionais”, geralmente aprendemos (ainda que de forma adaptativa) a, por exemplo, ter conversas uns com os outros, esperar para conseguir atenção, tolerar situações desconfortáveis ou ainda uma transmissão de conteúdos na qual não se pode intervir.

Nas mídias sociais, contornar qualquer dificuldade nesse sentido é relativamente mais fácil. É possível se expor calculadamente e, cabe lembrar, para uma plateia de ouvintes em grande maioria desinteressados. Turkle (2012, p. 2) argumenta que “a coisa mais importante para a maioria delas [pessoas na internet] é controlar o foco da sua atenção”. Isso permite ao sujeito, justamente, a manutenção de contato com o que se quer, satisfazendo-se de modo a reduzir tais tensões e, além disso, impondo higienicamente o afastamento em relação ao que não deseja, às experiências de desconforto e desprazer. “Alguns não precisam sair de casa para viajar: podem se atirar à Web, percorrê-la, inserindo e mesclando na tela do computador mensagens provenientes de todos os cantos do globo.” (BAUMAN, 1998, p. 85)

O sujeito tem a possibilidade de estar em contato, mas sem necessariamente colocar-se em contato. Na esfera do consumo, cerca-se de segurança e proteção contra a insatisfação e as adversidades. Os *sites* de redes sociais, em especial, funcionam, então, como substituto para o vazio – um antídoto passageiro contra a insegurança. O medo do desamparo e da solidão leva

os construtores da identidade a procurar cabides que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos. (BAUMAN, 2003, p. 41)

As mídias sociais, ao mesmo tempo que permitem manter a distância desejável, também dão a opção de personalizar a própria vida e, com isso, preencher o vazio da solidão.

Contudo, tais experiências no ambiente virtual, além de serem diferentes da interação face a face – se tem controle muito menor sobre todas as condições de interação –, competem até certo ponto (particular para cada sujeito) com os relacionamentos interpessoais (TURKLE, 2011, p. 174). Assim, à medida que se vive imerso nas mídias sociais, torna-se cada vez mais comum o “definir-se” em termos de presença digital (TURKLE, 2011, p. 172). Na abordagem de Turkle, fica claro que

4 O termo, comumente traduzido como “radiodifusão”, designa, na língua inglesa, formas de transmissão de fonte principal para um grande público, sem interação ou a troca de diálogo entre os dois, o que implicaria que o conteúdo da mensagem não pode ser alterado, corrompido ou apropriado – ao menos naquele meio em específico.

as mídias sociais competem com atividades e experiências que seriam importantíssimas para os sujeitos no sentido de descobrirem a si mesmos – mesmo que não impossibilitem o processo individual de autorreflexão, mas também não o facilita.

A dificuldade de, por exemplo, passar um tempo sozinho com os próprios pensamentos é remediada pela atividade de compartilhar conteúdos e imagens constantemente, de modo a se sentir ouvido e menos sozinho. A incapacidade de ficar sozinho, de lidar com a solidão e o desamparo, ao ser compensada com o escape para as mídias sociais, implicaria naquilo que Turkle (2011, p. 175; 2012, p. 5) chama de “amortecimento da experiência”. Assim, experiências fundamentais para o autoconhecimento e o desenvolvimento da empatia – de lidar com o próprio sofrimento e de entender o sofrimento do outro – são experimentadas de forma atenuada (*buffered*). Segundo Turkle (2011, p. 177), esse é um dos principais motivos por que os jovens estadunidenses carecem de relações de intimidade, habilidades sociais e empatia.

Conecto, logo existo

Se as mídias sociais contribuem, na vida contemporânea, para que haja cada vez menos tempo para a reflexão, é compreensível que os sujeitos busquem com mais avidez a imersão online – noção reforçada pelas estatísticas de uso de *sites* como o Facebook no mundo todo (PEW RESEARCH CENTER, 2014) –, cujas conexões que se estabelecem, como ressaltamos, são “filtradas”, não espontâneas. “Avatares” adequados aos imperativos da visibilidade e da felicidade surgem, suplantando a apresentação de identidades autênticas, e conexões e laços afetivos fortes dão lugar a um contínuo compartilhar de fotos, “curtir”, postar aforismos e trocar mensagens “pílulas” instantâneas (TURKLE, 2011, p. 181). Ou seja, a conversa em profundidade é sacrificada na conexão rasa, mas que dá ao sujeito uma sensação de união com relação a algo muito maior do que ele.

Seria possível aos smartphones conectados às mídias sociais fornecer ao sujeito tamanho senso de conexão a ponto de (ao menos aparentemente) favorecer o restabelecimento do narcisismo ilimitado, já que o sujeito tudo vê e encontra, a todos pode ter acesso? Freud (1930/2010) refaz a construção sobre a experiência primária de satisfação, apontando que é a necessidade do outro que possibilita ao sujeito a gradual distinção entre o eu e o mundo.

A ameaça do desamparo, como uma cidade construída sobre as ruínas de seu passado, é apenas soterrada, mas seus já indícios são o

bastante para assombrar o sujeito. Na linguagem e nas relações com seus semelhantes, o sujeito defronta-se com a falha simbólica, acompanhada de desamparo que lança o sujeito desprotegido, abandonado por suas ilusões, diante de Outro desejante e agressivo. O desamparo “não se prolonga simplesmente desde a época infantil, mas é duradouramente conservado pelo medo ante o superior poder do destino” (FREUD, 1930/2010, p. 17). De certa forma, as mídias sociais oferecem ao sujeito certa sensação de proteção e garantia de ver e ser visto, ouvir e ser ouvido. Para isso, não é necessário que se dirija a ninguém em específico, o que pode vir a se estabelecer é a sensação de indiferenciação entre o eu e esse mundo virtual que lhe é externo.

Contudo, fora do ambiente virtual – ou em qualquer situação na qual o sujeito não possa recorrer às mídias sociais para atenuar uma experiência desconfortável –, o sujeito volta ao real ainda menos preparado para lidar com a condição de desamparo. Logo, ironicamente, a busca pelo constante sentimento conexão agravaria ainda mais o sentimento de isolamento nos indivíduos, dependentes desse tipo de aceitação e retorno social característico das mídias sociais, sob pena de terem de lidar com um medo da solidão com o qual não sabem lidar. Isso não implica, é claro, responsabilidade do aparato tecnológico, mas das condições de elaboração de subjetividade que são agenciadas pelo netscapismo. “Technology does not cause but encourages a sensibility in which the validations of a feeling becomes part of establishing it.”⁵ (TURKLE, 201, p. 177). Na ausência desse retorno do Outro – na impossibilidade de mostrar-se ou sentir-se seguro –, mais angústia sente o sujeito.

Se os sujeitos se tornam menos preparados para suportar experiências de solidão, o que ocorre quando não for possível usar essas ferramentas da cultura para amortecê-las? O real pode vir a se inscrever pela angústia extrema, para a qual o sujeito não tem ferramentas (autoconhecimento, lugar de escuta do analista) para lidar, como uma porção inapreensível de desamparo que resta aquém das capacidades de nomeação. Ainda que o aparelho cultural adaptativo fosse capaz de enfrentar toda a dimensão do desamparo, é justamente esse ferramental que o sujeito acaba por não desenvolver em decorrência do amortecimento da experiência.

Conforme lembra Vieira (2003, p. 3), o homem, tal como apresenta seu discurso para um analista, não parte de um aparelho progressivamente adaptado para orientá-lo. Os contornos deste eu “não são dados, mas sim construídos”. São os mecanismos de adequação da realidade que, ainda que funcionem como indícios mais do que como garantias,

5 Tradução nossa: “A tecnologia não causa, mas incentiva uma fragilidade em que as validações [externas] de um sentimento tornam-se parte do seu estabelecimento.”

permitem ao sujeito elaborar o desamparo e procurar a satisfação de suas necessidades.

Mais do que verificar se uma representação que tenho existe no mundo ou não, o teste de realidade para Freud não é um teste de existência, mas sim o estabelecimento de conexões entre o jogo de representações do aparelho psíquico e uma dada percepção, que permitam nomeá-la, permitindo uma ação sobre o mundo e um relativo acesso aos objetos. (VIEIRA, 2003, p. 6)

O sujeito que Turkle (2011, 2012) descreve utiliza a presença online como fuga – passando cada vez mais tempo com aparatos que lhe dão acesso às mídias sociais e à internet de modo geral –, constitui sua experiência do mundo baseando-se na transmissão das lentes da cultura, mas de uma lente específica, cujo referencial não o prepara para a experiência de isolamento, conexão, intimidade, empatia. “Se a saída para a virtualidade busca uma fuga da solidão, uma tentativa de compartilhamento de toda espécie de laços, na forma de fotos, opiniões, informações, enfim, uma maneira das pessoas se fazerem presentes umas na vida das outras” (BARBOSA, 2013, p. 66), tal netscapismo só aprofunda a inversão de perspectiva na qual o Facebook, o Twitter, o Instagram, dentre outros, passam a ser sentidos como experiência mais desejável em detrimento da vida não virtual.

Assim, como ferramenta da cultura, o contexto das mídias sociais constitui um “manual de leitura do mundo” (VIEIRA, 2003, p. 8) cujas instruções recorrem sempre à mesma ferramenta como solução para as tensões e adversidades, e que não aponta para a riqueza da experiência em sua manifestação mais intensa. Tal medo da solidão e do desamparo ganha, ainda, sua representação na ordem da cultura como algo que não deve mesmo ser tolerado, de forma alguma, em momento algum, em oposição à obtenção de autoconhecimento e a elaboração solitária das próprias tensões. Isso é algo muito importante que, para pesquisadores como Turkle (2012), os jovens estão perdendo.

Conclusão

Podemos tentar ler a virtualização das relações e da comunicação sob a perspectiva freudiana de busca da felicidade, uma vez que cabe ao sujeito criar, construir, no âmbito do seu psiquismo, uma realidade que lhe imponha menos sofrimento. Nesse contexto, as mídias sociais procuram remediar o isolamento do sujeito na sociedade contemporânea, colocá-los em contato uns com os outros e de cada um com o mundo

(em sua versão virtual), à medida que os sujeitos buscam nos artefatos relacionais da cultura uma saída para o isolamento social na vida nas grandes cidades.

Ao se tornarem operadores simbólicos e climatizadores da vida social, as mídias sociais nos permitem focar no que desejamos, numa emulação de contato com o real que praticamente não impõe restrições. No entanto, corremos o risco de nos tornarmos menos aptos a buscar, num ambiente real, nossa satisfação nos objetos nos quais investimos. O sujeito vive na prerrogativa de ser sempre ouvido por suas centenas de “amigos” sem, no entanto precisar, de fato, comprometer-se com o que diz, pois essas pílulas de discurso são soltas para um leitor indeterminado.

Se a atenção com tal audiência difusa e gasosa das mídias sociais passa a superar aquela com o círculo de relacionamentos no ambiente real, cada vez mais se passa a apostar que a conexão que valida nosso eu está a apenas alguns cliques adiante pode ser atraente, mas pode tornar o sujeito cada vez mais dependente de qualquer contato (por mais superficial que esse seja) como forma de lidar com o vazio e o desamparo. Torna-se menos provável que, numa situação em que não haja contatos disponíveis, esse sujeito consiga lidar com os próprios sentimentos de angústia e ansiedade. Para sustentar um frágil narcisismo, ver e ser visto, o sujeito pode chegar ao ponto de se colocar em situações de exposição ou vulnerabilidade extremas. (TURKLE, 2011, p. 177)

Ainda existe espaço para muita discussão, é claro, a ser feita a respeito de cada um dos diversos temas abordados neste escrito. Como eixo central, fica a noção de que a dimensão subjetiva de estar sempre conectado – por conseguinte, mostrar-se continuamente, de uma forma determinada – funciona na atenuação de experiências desconfortáveis, assim como favorece a condição desamparo quando o sujeito se depara com o vazio da impossibilidade, naturalmente, de ter acesso a tudo e a todos, e controlar a forma como se mostra em outros ambientes que não o das mídias sociais.

A tecnologia das mídias sociais foi criada no âmbito da cultura para dar uma resposta a essa possibilidade de confronto com o vazio, mas as alterações nos estilos de vida conduzem a uma nova forma de isolamento, a uma nova solidão. Na contemporaneidade, falta ao sujeito tempo para a elaboração, que pode ser proporcionado pela solidão, assim como pela experiência analítica. Essa perspectiva aponta a necessidade de uma crítica da cultura mais dedicada ao tema, que reflita sobre as possibilidades e recursos que podem intervir nesse contexto e produzir mudanças individuais e culturais.

Netscapism, the social media and the subject's constitution: between the continuous connection and the helplessness

Abstract

This work, are approached the social media and the influence in the models of expression of the individualities that elapse of them. It is argued that those connection tools establishes new forms of agency of subjectivities, facilitating avoidance of discomfort by immersion in the network. Given the scenery of intensification of the use of the mobile relational devices, sought to understand, with base in the bibliographical research, the subjective implications and the presentation of behaviors, catalyzed by certain types of virtual interaction in everyday life. The current context of access, the use of interfaces and the sharing of information were observed, the status of present reality in the interactions, the escape of the helplessness and other consequences of the use of the social media on the part of the subjects in the scope of the contemporary culture.

Keywords: Internet. Social media. Connection. Loneliness. Helplessness.

Referências

- BARBOSA, M. K. Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo. *Ide*, São Paulo, v. 35, n. 55, p. 89-101, 2013.
- BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z.; LYON, D. *Vigilância líquida*. Rio de Janeiro: Expresso Zahar, 2014.
- CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (CETIC). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil*. São Paulo: Cetic, 2012. Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/apresentacao-tic-domicilios-2012.pdf>>. Acesso em: 19 de junho de 2014.
- EMERGING nations embrace internet: mobile technology. *Pew Internet & American Life Project*, 2014. Disponível em: <www.pewresearch.org>. Acesso em: 29 jun. 2014.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1930/2010. p. 8-89.
- ORWELL, George. 1984: *a era do grande irmão* 29. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003.
- QUINET, A. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- SHIRKY, C. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, 1903/2005.

TAKE advantage of ip network growth trend data. In: CISCO VISUAL NETWORKING INDEX (VNI). Disponível em: <<http://www.cisco.com/c/en/us/solutions/service-provider/visual-networking-index-vni/index.html>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

TURKLE, S. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. Nova Iorque: Basic Books, 2011.

TURKLE, S. *Connected, but alone?* Estados Unidos, 2012, 15 min. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=t7Xr3AsBEK4>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

VIEIRA, M. A. Da realidade ao real: Jacques Lacan e a realidade psíquica. *Pulsional: revista de psicanálise*, São Paulo, v. 174, p. 56-60, 2003.

Enviado em 14 de agosto de 2014.

Aceito em 1º de novembro de 2014.

